

Os Estudos de Comunidade: a música e a implantação das Ciências Sociais no Brasil

Edilberto José de Macedo Fonseca
Doutorando em Música - UNIRIO
dil.fonseca@gmail.com

Sumário:

Entre 1947 e 1960, os *estudos de comunidade* se constituíram a primeira vertente de pesquisa das Ciências Sociais no Brasil. Até metade do século, os estudos sobre as tradições populares privilegiaram a perspectiva que via na preservação o paradigma de análise das transformações pelas quais, historicamente, passavam grupos sociais e comunidades. As mudanças sociais vividas pela sociedade brasileira nesse período rearticularam a maneira como as manifestações musicais serão reformatadas segundo exigências externas àquelas demandadas comunitariamente. Essa comunicação pretende fazer um balanço crítico da maneira como as práticas musicais foram abordadas pelos estudos de comunidade, suas principais tendências, métodos e problemas.

Palavras-Chave: Sociologia da Música, Música Popular, Comunidade, Cultura Popular.

Introdução

Herdeiro de uma tradição colonial, o Brasil apresentava, até a metade do século passado, um relativo equilíbrio de trânsito de bens culturais entre as áreas urbanas e rurais. A industrialização e os mecanismos de comunicação de massa, aliados a migração interna fizeram com que as cidades passassem a ser ambientes cada vez mais complexos, vendo as antigas realidades comunitárias da população brasileira, majoritariamente urbana desde a década de 1960, se transformarem rapidamente. A percepção do papel social dessas transformações mobilizou a intelectualidade brasileira ligada tanto às ciências sociais como às tradições populares e ao folclore, no sentido de produzir pesquisas que refletissem sobre esse processo.

No início da segunda metade do século XX, o então emergente campo das ciências sociais no Brasil se volta para a pesquisa de pequenas vilas, municípios e populações rurais no que veio a ser conhecido como “estudos de comunidades”. Foram os sociólogos da chamada Escola de Chicago¹ - Louis Wirth, Everett Hughes, Robert Redfield e Herbert Blumer - que empiricamente estabeleceram as bases metodológicas desses estudos, seguindo proposições de Ferdinand Tönnies e Max Weber. O conceito de *comunidade* referia-se, então, aos agrupamentos humanos que apresentariam aspectos como pequenez, isolamento, homogeneidade, auto-suficiência, além de analfabetismo, falta de legislação formal, força da família e do parentesco no reforço do senso de solidariedade de grupo e, finalmente, a prevalência de valores religiosos sobre os profanos (Redfield, 1955: 293). Essas características oporiam *comunidade* à idéia de *sociedade*, que particularizaria o indivíduo, desintegrando-o das dimensões locais que o integram à vida comunitária.

Os números sobre os estudos de comunidade no Brasil são divergentes: Maria Lais Mousinho Guidi lista 16 estudos (1962: 78) enquanto Josildeth Gomes Consorte, embora não os especifique, fala de 24 (1996: 52). A proposta era fazer das comunidades um espaço de verificação empírica de problemáticas específicas para aplicação de suas conclusões em contextos mais amplos. Além disso, os estudos permitiriam

¹ A Universidade de Chicago nasce em 1890 e seu departamento de sociologia e antropologia “tornou-se rapidamente, desde o início da década de 1910, o principal centro de estudos e de investigação sociológica dos Estados Unidos, e durante mais de duas décadas foi o mais prestigioso” (Coulon, 1995:15).

o exame detalhado de aspectos individuais e de relações entre os indivíduos dentro de um grupo social, conhecendo assim as formas de pressão dos processos de mudança e transformações dos valores e dos costumes tradicionais. Os estudos se apoiavam especialmente no conceito de “comunidades de *folk*”, proposto por Redfield, aparecendo também em variantes como: “música de *folk*”, “dança de *folk*”, “idéias de *folk*”, “crenças e atitudes de *folk*”, “o tratamento de doença por métodos de *folk*”, que induzem a correlações com dualidades modernas do tipo popular/erudito, letrado/iletrado, urbano/rural, tradicional/moderno e civilização/cultura (Redfield, 1949). Nesse sentido, seus métodos, abordagens e perspectivas denotam similaridade com os estudos de folclore no Brasil. A principal questão a ser tratada aqui diz respeito à maneira como as práticas musicais foram abordadas pelos estudos de comunidade no Brasil².

As práticas musicais nos Estudos de Comunidade no Brasil

As localidades pesquisadas apresentavam acentuada situação de isolamento, com baixa presença de equipamentos e serviços urbanos diversificados ou tendo relações esporádicas com aqueles que as possuíam nas redondezas. As práticas musicais são descritas dentro de contextos específicos, relacionados ao trabalho, às festas religiosas e atividades de diversão comunitária. Processos educacionais de aprendizagem musical simplesmente não aparecem nesses estudos.

Os *mutirões* com seus cantos de trabalho são uma constante. A relação entre prática musical e trabalho está presente especialmente entre parentes consanguíneos e compadres. Os *mutirões*, além de articularem formas comunitárias de solidariedade reforçando laços de parentesco e compadrio, explicitam um tipo de mentalidade onde o trabalho não é medido somente pelo seu valor econômico. Assim os *mutirões* não se relacionam somente ao trabalho, mas às formas comunitárias de lazer, pois eles se configuram momentos de encontro e troca social de favores. Antonio Cândido estudando a cidade paulista de Bofete, sintetiza a função social do *mutirão*, ao afirmar que “a obrigação unilateral é aí o elemento integrante da sociabilidade do grupo, que desta forma adquire consciência de unidade e funcionamento” (Cândido, 1975: 67). Nos *mutirões*, diferentemente do que acontece no moderno meio urbano, não é preponderante a perspectiva da “divisão” de trabalho no sentido que lhe dá a empresa capitalista, mas sim o compartilhamento.

As festas religiosas ocupam uma parte substancial desses estudos. A maioria diz respeito ao - hegemônico - catolicismo popular. As festas reuniam milhares de pessoas, sendo fundamental o papel de organização exercido pelas irmandades religiosas que, desde tempos coloniais, eram “organizações extremamente poderosas nos centros urbanos” (Galvão, 1955; 170). Em muitos casos a repressão policial às práticas musicais está presente, como quando Emilio Willems descreve as Folias de Reis de Cunha ou Donald Pierson a festa de São Bom Jesus de Pirapora em 1948 em Cruz das Almas. Nesta o samba foi proibido e os instrumentos tomados pela polícia. Quanto aos conjuntos orquestrais, as maiores festas contavam com a participação das bandas de música ao estilo militar, e as menores apresentavam pequenos grupos instrumentais com sanfona, viola e chocalho. Embora não abordem o papel e a mobilidade dos músicos nos circuitos criados durante as celebrações católicas anuais é previsível que, nesses contextos comunitários, os músicos atuassem tanto nas festas religiosas como nos espaços “profanos”, dedicados a pura diversão como os bailes.

Se uma das características da musicalidade expressa nas festas católicas estava em sua presença nos espaços públicos da comunidade, o espaço privado parecia, nessa época, até pelo próprio preconceito, ser o lugar mais utilizado para os cultos e rituais religiosos protestantes. Willems diz que as religiões protestantes, introduzidas no final do século XIX em Cunha, têm como hábito doméstico reunirem-se “em volta da mesa para orar e cantar hinos em comum” (Willems, 1947: 69).

Segundo Willems, na cidade de Cunha, a Igreja Católica utilizava os grupos da dança de Moçambique, tradicionais expressões de irmandades negras, como depositários de uma certa idéia de tradição contra influências modernistas, que seriam representadas pelas novas formas de recreação, particularmente os bailes de clubes. Afirma que as festas totalmente seculares não existiam, o que denota a

2 A fim de traçar um panorama tendencial, foram estudados 7 trabalhos: *Cunha: Tradição e transição em uma cultura rural do Brasil* de Emilio Willems, *Uma comunidade amazônica: Estudo do homem dos trópicos* de Charles Wagley, *Santos e Visagens* de Eduardo Galvão, *O homem no Vale do São Francisco* e *Cruz das Almas* de Donald Pierson, *Potengi: encruzilhada no vale do São Francisco* de Alfredo Trujillo Ferrari e *Os parceiros do Rio Bonito* de Antonio Candido.

presença totalizadora da Igreja, que acabava por determinar o maior número de pessoas nas festas tradicionais do que nas “novas” modalidades de recreação na região.

As pesquisas tinham grande preocupação com as *mudanças* sociais ocasionadas pelas novas modalidades de recreação, através das quais as festas de tradição perderiam o valor no discurso local (Willems, 1947: 140). Onde existiam, os clubes eram espaço de lazer da comunidade além de serem vistos como ambientes que conectavam o município aos padrões de recreatividade da “moderna civilização”. Nos locais onde não existiam clubes, os bailes aconteciam através da arrecadação de recursos vindos de várias comunidades próximas, que se tornavam momentos de congregação social, festas feitas *pela* comunidade *para* a própria comunidade (Ferrari, 1960: 263).

Na maioria das comunidades, fosse nas festas profanas ou religiosas, os músicos sempre eram remunerados pelas suas atuações. Em muitos estudos desse período, como o de Willems, é claro o papel dos violeiros como verdadeiros “órgãos de opinião pública” (Willems, 1947: 79). Os acontecimentos da comunidade, narrados, ridicularizados, censurados ou lastimados, postos em versos e cantados, sofriam um processo de ritualização que os tornavam mais impressionantes, difundindo-lhes e evitando que fossem esquecidos rapidamente (Willems, 1947: 54).

Nos estudos, o carnaval é citado discretamente. Em Cunha, até 1934, era mais um entrudo meio violento, quando começam a se formar os blocos por iniciativa de um violeiro e cantor de samba, que gostava das “coisa de fora” (Willems, 1947: 142). Já o carnaval amazônico, descrito por Wagley, é bastante monótono. Os relatos confirmam que as décadas de 1930 e 1940 são aquelas nas quais o carnaval do interior começa a tomar a festa carioca como modelo, com organização de blocos e desfiles; modelo que começa a se consolidar junto com a expansão da radiodifusão pelo país. Em Cunha, em 1945, havia quinze rádios, novidade que chegou em 1926. Em Potengi, por exemplo, a comunidade não possuía luz elétrica, telégrafo nem telefones e, nesse período, sequer correio. O rádio só era ouvido em certas ocasiões na cidade mais próxima, Piaçabuçu. A presença do rádio é um dos fatos mais importante na promoção de mudanças nas comunidades. O aspecto do isolamento psíquico é ressaltado por Pierson como uma das principais características das populações do vale do São Francisco, e especialmente o rádio vem “continuamente derrubando as barreiras às comunicações” (Pierson, 1972: 268), e determinando novos comportamentos.

Conclusão

Não é por acaso que o chamado *Movimento Folclórico Brasileiro* (Vilhena, 1997) tenha acontecido no mesmo período dos estudos de comunidade, e com pesquisadores que atuavam em ambos os campos de saber, como Florestan Fernandes, Donald Pierson e outros. Nesse período, nem as Ciências Sociais nem o Folclore apresentavam os aparatos de produção, distinção e legitimação que tem hoje, e compartilhavam definições como as de “*folk*” em seus trabalhos.

O papel do trabalho etnográfico tanto nos estudos de comunidade como nos de folclore foi o de, em cada caso, mapear a forma como aconteceu a apropriação das influências globais nos contextos locais compondo um quadro tendencial da, ainda incipiente, vida urbana brasileira. Porém, folcloristas se apoiavam numa perspectiva mais preservacionista, e antropólogos e sociólogos mapeavam o sentido das mudanças sociais sem as relacionarem com nenhuma agenda de afirmação identitária nacionalista. Comparando-se a produção de ambos os campos de pesquisa vê-se que os folcloristas estudaram aspectos mais particulares das formas expressivas e manifestações musicais “de *folk*”, tratando de enredo, *performance*, instrumentação, caráter melódico e rítmico dessas expressões. Já nos estudos de comunidade, até pela formação dos pesquisadores, se detiveram à descrição dos contextos sociais das práticas musicais. O campo do folclore no Brasil contou com nomes como Mário de Andrade, Luiz Heitor Corrêa de Azevedo, Renato de Almeida, Luciano Gallet, Rossini Tavares de Lima que, entre outros músicos de formação, imprimiram forte marca musicológica aos estudos que produziram.

Das críticas aos estudos de comunidade, a maior diz respeito à ampla perspectiva temática, já que pretendiam dar conta de um conjunto de variáveis que ia do habitat até as artes, passando pela culinária, saneamento e rituais religiosos. Mesmo o recorte de comunidade como unidade de estudo, é sempre arbitrário e operacional, excluindo variáveis importantes para a análise. Também a idéia de isolamento e homogeneidade espacial e temporal das comunidades faz perder de vista a dinâmica da interação e da mudança como fatores estruturantes. Nesse sentido, a comunidade não se constituiria uma realidade *em si* mas em *relação* à. O antropólogo Klaas Woortmann, aponta a diferença entre as perspectivas positivistas, onde os “fatos brutos” falariam por si, e as não-positivistas na qual a abordagem dos fatos sociais se dá

sempre mediada por pressupostos teóricos e conceituais, estando o pesquisador condicionado pelas escolhas que faz (Woortmann, 1972).

A importância dos estudos de comunidade, e de folclore, foi a de lançar luzes sobre as mudanças enfrentadas pela sociedade brasileira no contexto da *polis*, urbana e moderna. O estudo das práticas musicais de grupos populares, deve a esses pesquisadores um legado de conhecimentos acumulados, além do fomento à percepção do papel dessas expressões naquilo que Tönnies chamava de *comunidade de espírito*. Esses estudos se tornaram importantes para a compreensão do lugar histórico das práticas musicais de comunidades populares tradicionais – quase sempre também tradicionalmente subalternas - dentro do panorama dos circuitos culturais atuais do Brasil.

Referências Bibliográficas

- CÂNDIDO, Antônio. 2006. Sociologia no Brasil. , vol. 18, no. 1 [citado 2008-02-19], pp. 271-301. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php>. Acessado em 07/2008.
- CONSORTE, Josildeth Gomes. 1996. Os Estudos de Comunidade no Brasil: uma viagem no tempo. In: Humanismo e compromisso: ensaios sobre Octávio Ianni, São Paulo: UNESP, pg 51-68.
- COULON, Alain. 1995. A Escola de Chicago. Campinas, São Paulo: Papyrus.
- FERRARI, Alfredo Trujillo. 1960. Potengi: encruzilhada no Vale do São Francisco. São Paulo: Editora Sociologia e Política.
- GALVAO, Eduardo. 1955. Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Amazonas. São Paulo: Ed. Nacional.
- GUIDI, Maria Laís Mousinho. 1962. Elementos de Análise dos “Estudos de Comunidade” Realizados no Brasil e Publicados de 1948 a 1960. In: Educação e Ciências Sociais, Ano VII – Vol.10, no.19, pg. 45-87, Rio de Janeiro: Brasil.
- PIERSON, Donald. 1972. O homem no Vale do São Francisco, Rio de Janeiro: Ministério do Interior SUVALE.
- _____. 1966. Cruz das Almas, Rio de Janeiro: Editora José Olympio.
- REDFIELD, Robert. 1949. Civilização e cultura de Folk: Estudos de variações culturais em Yucatan. São Paulo: Livraria Martins Editora S.A.
- _____. 1955. The little community and peasant society and culture: An anthropological approach of civilization. Chicago: University of Chicago Press.
- TÖNNIES, Ferdinand. 1973. Comunidade e sociedade como entidades típico-ideais. In: Comunidade e Sociedade: Leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. Org: Florestan Fernandes. São Paulo: EDUSP, 97-116.
- VILHENA, Luís Rodolfo Paixão. 1997. Projeto e Missão: o movimento folclórico brasileiro (1947-1964). Funarte: Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.
- WAGLEY, Charles. 1957. Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- WEBER, Max. 1973. Comunidade e sociedade como estruturas de socialização. In: Comunidade e Sociedade: Leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. Org: Florestan Fernandes. São Paulo: EDUSP, 140-143.
- WILLEMS, Emilio. 1947. Cunha: Tradição e transição em uma cultura rural do Brasil, São Paulo: Secretaria de Agricultura.
- WOORTMANN, Klaas. 1972. A antropologia brasileira e os estudos de comunidade. Salvador: In: Revista Universitas: n.11.